

**Lasmar, Cristiane** *De volta ao lago de leite: gênero e transformação no alto rio Negro*. São Paulo: Editora da Unesp/ISA; Rio de Janeiro: Nuti, 2005, 285 p.

*Fabiane Vinente dos Santos\**

Como encarar o desafio de abordar as transformações radicais pelas quais passam os povos indígenas na atualidade? Que elementos selecionar frente ao universo de mudanças representado pela inserção dos indígenas na economia de mercado, os casamentos com brancos, a vida nas cidades? Existem fronteiras entre as instituições ditas “tradicionais” e as “modernas” entre os povos indígenas? Como estabelecê-las? Como tais transformações repercutem na vida das mulheres? Essas foram algumas das questões que se colocou Cristiane Lasmar em sua pesquisa de doutorado sobre a região do alto rio Negro que deu origem ao livro *De volta ao lago de leite: gênero e transformação no alto rio Negro*. (Unesp, ISA, Nuti, 2005)

Os rumos tomados pela pesquisa e a definição de seu objeto, as transformações na alteridade a partir do ponto de vista das mulheres indígenas, guarda relações importantes com a forma como a autora chega à região: a partir de um convite feito em 1995 por uma organização indígena para empreender uma pesquisa sobre as denúncias de violência sexual sofridas pelas indígenas por parte dos militares dos quartéis da região. Segundo a autora, sua percepção inicial sobre o assunto transformou-se à medida em

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, PPGAS, IFCH/UNICAMP; pesquisadora área de Sociodiversidade do Instituto de Pesquisa Leônidas & Maria Deane/Fiocruz Amazônia e bolsista RII-Pos-Grad. da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas, FAPEAM.

que, uma vez em campo, percebeu que tais relações nem sempre caracterizavam-se pela violência, mas também pelo consentimento mútuo, através de namoros e casamentos.

O livro, fruto de uma tese de doutorado defendida em 2002 no Museu Nacional, sob a orientação de Bruna Franchetto, penetra com delicadeza no complexo universo das relações dos indígenas do rio Negro para nos presentear com uma análise competente e original sobre os processos de mudança e de seus impactos na vida social, regulada por princípios como a exogamia lingüística, a descendência patrilateral, as hierarquias clânicas e geracionais (Chernela, 1983), além do papel central masculino na orientação social.

Tendo sofrido intensa ação de missionários católicos desde o século XVII e de missões protestantes no caso do rio Içana, os índios do alto Rio Negro viram-se diante de um nível mais amplo de convivência com a sociedade não-índia a partir da década de 70 do século XX, graças ao início das obras de construção da Rodovia Perimetral Norte e à construção de pistas de pouso e bases militares na área. Em 1986, o Projeto Calha Norte (PCN), que se constituiu numa grande ofensiva militar em nome da segurança nacional, estabeleceu novas bases de relacionamento dessas populações com o Estado brasileiro, construindo quartéis e levando militares e trabalhadores ligados às empreiteiras para trabalhar nas obras de infra-estrutura do projeto, aumentando o grau de convivência dos indígenas com a população branca. É esse palco de relações ora conflituosas, ora amenas, que Lasmar explora.

O título do trabalho é uma inequívoca alusão àquela que certamente é uma das mais célebres monografias sobre a região do Noroeste amazônico, *From the Milk River*, de Christine Hugh-Jones (1979), que entre o final dos anos 60 e início dos 70 realizou um trabalho de 22 meses entre os Barasana pelo lado colombiano. Segundo a cosmologia dos povos rio-negrinos, a humanidade teria passado por um longo processo de transformações ao longo do caminho traçado pelo rio Negro dentro de uma cobra-canoa que teria saído do Lago de Leite, um lugar mítico e uma analogia à condição neonata da humanidade primordial.

É importante que se diga que tal referência ao livro de Hugh-Jones não é ocasional. *From the milk river* estabeleceu-se como um trabalho fundamental

na etnografia dos povos do rio Negro e da etnologia ameríndia de modo geral. Além das descobertas importantes sobre o sistema de ordenação de sibs agnáticos interdependentes (em número de cinco, no caso Barasana, cada um com uma função ritual determinada), o grande mérito do livro foi, a partir da visão de uma etnóloga, conseguir apresentar as mulheres além do tradicional papel doméstico a que estavam imputadas pelos relatos convencionais: elas eram parte de um sistema que conjugava a capacidade sexual com o poder de gerar pessoas. Tais propriedades não estavam separadas do domínio masculino, mas articuladas, como confirmava o trabalho elaborado na mesma ocasião pelo marido de Christine, Stephen Hugh-Jones em seu *The palm and the Pleiades: initiation and cosmology in Northwest Amazonia*, dedicado a tratar do rito masculino do Jurupari. Dessa forma, o trabalho de Christine mostrava o domínio doméstico como eminentemente social e ousando ao comparar o processo de preparação da mandioca como análogo ao processo de fabricação de pessoas, sinalizando com uma idéia que nos anos seguintes seria muito debatida e revisitada: a de ruptura com a crença estabelecida de que o domínio feminino seria de menor importância nos processos sócio-político das sociedades ameríndias.

O livro de Lasmar não é um “revisit” (Buwaroy, 2003) do trabalho de Hugh-Jones. Lasmar trabalha com uma comparação entre as localidades aldeãs de Taracua e São Pedro, no Uaupés brasileiro e a área urbana de São Gabriel da Cachoeira (um recurso para opor “comunidade” à “cidade”). Seu objetivo, segundo suas próprias palavras, foi analisar o movimento dos indígenas “em direção ao mundo dos brancos”, no caso, emblematizado pelo êxodo das aldeias em direção à sede do município.

O livro está estruturado em duas partes: a primeira, intitulada “Lá se vive como irmão”, explora através de uma boa descrição etnográfica aspectos da vida social nas aldeias, organização social, fundamentos do prestígio social, e o status da mulher na comunidade e sua condição de estrangeira: a regra da exogamia lingüística e o padrão de residência virilocal estabelece que a mulher, desde a infância, é um ente que um dia sairá da família para se casar fora; uma vez casada, experimenta a condição alienígena de forma ainda mais radical, pois representará, para o grupo de agnatos de seu marido, a condição de representante da alteridade, o que é expresso pela sua exclusão das esferas

políticas e públicas como a do ritual do Jurupari (Hugh-Jones, 1979). Um outro lado da moeda, contudo, é sua importância no estabelecimento de alianças a partir do casamento e a possibilidade, frente a essa sociedade masculinamente orientada, de construir estratégias que façam valer sua agência (Jackson, 1992). Na segunda parte “Virando branca, mas não completamente”, Lasmar explora a vida dos indígenas na cidade, seus desafios e dinâmicas sociais.

Poucos pontos podem ser alvo de críticas ou complementações no trabalho de Lasmar. Um deles é a exigüidade de informações originais na primeira parte do livro, dedicada a abordar o cotidiano das aldeias, onde a autora vale-se amplamente de trabalhos clássicos sobre a área como o do casal Hugh-Jones, Irving Goldman e Reichel-Dolmatoff. Tal esforço revisionista mostra-se importante, mas não consegue suprir a ausência de maior volume de etnografia o que pode ser atribuído à curta permanência da autora nas comunidades indígenas. É preciso que se diga, contudo, que o que falta de etnografia na primeira parte é bem compensado na segunda, que a autora dedica à abordagem com ricas informações sobre o “movimento em direção ao mundo dos brancos”, analisando através do método de história de vida a trajetória de três gerações de mulheres de uma mesma família e do lugar onde vivem, o bairro da Praia, cuja maior parte dos moradores é indígena. A partir desse recorte espacial é aberta uma janela pela qual a autora apresenta aos leitores a realidade social da área urbana do município de São Gabriel a partir da perspectiva feminina, seus conflitos e formas de segmentação social, representada pela dicotomia entre “meninas do sítio” e “meninas da Praia”. Tal dicotomia representa a segmentação social entre as garotas recém-migradas do interior, ainda na busca por adequar-se ao *ethos* citadino, e as jovens indígenas urbanizadas e os efeitos de tais processos em seus próprios corpos.

Um conhecimento profundo da área urbana e de sua população está refletido no livro. Um dos trechos mais interessantes é um no qual Lasmar dedica-se a abordar o delicado tema dos dilemas enfrentados pelos índios no espaço urbano a partir de três mulheres de uma mesma família, conjugando com maestria a análise das histórias individuais com a historiografia da região (Capítulo 4: De trajetórias, identidades e corpos). Nesse rico capítulo, que

talvez possamos chamar de “coração” da argumentação do livro, a parte dedicada às relações entre mulheres indígenas e militares brancos revela que por trás da aparente decisão de “tornar-se branca” casando com um branco, as mulheres articulam as obrigações de solidariedade com seu grupo de pertencimento com sua nova condição, tomando para si a incumbência de distribuidora de benefícios para o grupo de parentes, atribuição, à princípio, exclusiva dos homens. Temos aí o tema do protagonismo feminino, percebido por Christine Hugh-Jones, sob novas roupagens num novo cenário: a cidade.

Um outro aspecto digno de nota é a reprodução de um caderno de ilustrações feito por Feliciano Lana que apresenta episódios importantes da cosmologia dos Wa’i Masa e do cotidiano das relações entre homens e mulheres na aldeia, como o casamento.

Como informa Eduardo Viveiros de Castro, que assina a “orelha” do livro, a edição é a primeira de uma série de monografias produzida pelo Núcleo de Transformações Indígenas – NuTi, através de um consórcio entre a Unesp e o Instituto Socioambiental. A exemplo de um outro trabalho publicado depois pela mesma iniciativa – a tese de Geraldo Andrello sobre a localidade de Iauaretê, objeto de outra resenha desta publicação o trabalho de Lasmar inscreve-se numa nova perspectiva sobre as sociedades da área cultural do alto rio Negro, abordando-as a partir de seus processos históricos e dos efeitos destes nas formas ditas “tradicionais” de viver e pensar. As conclusões da autora apontam com uma forma de ver as sociedades indígenas do rio Negro e do Brasil que não ignora as transformações sofridas nem cai no lugar-comum de reconhecer as mudanças como perda, mas concilia a perspectiva da dinâmica da cultura com as continuidades que se fazem presentes no cotidiano.

O livro foi premiado com uma Menção Honrosa no Concurso Brasileiro de Obras Científicas e Teses Universitárias da Anpocs em sua edição de 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURAWOY, Michael. “Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography”. *American Sociological Review*, V. 68(5):645-679, 2003.

- CHERNELA, J. M. Estrutura Social do Uaupés. Anuário Antropológico/81. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- HUGH-JONES, C. From the milk river: spatial and temporal process in Northwest Amazônia. New York, Cambridge University Press, 1979.
- JACKSON, J. "The Meaning and Message of Symbolic Sexual Violence in Tukanoan Ritual." *Anthropological Quarterly*, 65, 1: 1-18, 1992.